

# experiências negras

# 4

ARTISTAS: PRODUZINDO EM  
TEMPO DE DISTANCIAMENTO

CAPA:

KEILA SERRUYA SANKOFA

*Vestígios de fogo*, 2020

Técnica híbrida: fotografia, performance e manipulação

Ministério da Cidadania  
e Instituto Tomie Ohtake  
apresentam

4

# experiências negras

ARTISTAS: PRODUZINDO EM  
TEMPO DE DISTANCIAMENTO



INSTITUTO TOMIE OHTAKE

# ÍNDICE

- 06**    **O aprendizado do corpo da instituição**  
Felipe Arruda
- 10**    **Introdução ao Experiências Negras:  
produzindo em tempo de distanciamento**  
Jordana Braz
- 
- 14**    **Vestígios de Fogo**  
Keila Serruya Sankofa
- 26**    **Transmutação (ou vestígios de fogo)**  
Luara Carvalho
- 32**    **Portfólio:**  
Keila Serruya Sankofa
- 38**    **Resiliência!**  
Nú Barreto



- 42 Gestos ante a apatia**  
Bruno Coltro Ferrari
- 46 Portfólio:**  
Nú Barreto
- 52 Los días de la cuarentena / Os dias da quarentena**  
Rubén H. Bermúdez
- 56 Sobre espaços de formação**  
Pedro G. A. Costa
- 60 Portfólio:**  
Rubén H. Bermúdez
- 64 Produções no distanciamento**
- 78 Participantes**

# O APRENDIZADO DO CORPO DA INSTITUIÇÃO

**FELIPE ARRUDA**

*Diretor do Núcleo de Cultura e Participação*

*Instituto Tomie Ohtake*

No Brasil, país erguido por mais de quatro milhões de africanos escravizados, a população negra enfrenta, ainda hoje, a desigualdade secular que tolhe direitos e restringe o acesso a espaços e oportunidades em todas as dimensões da vida. No sistema das artes e nas instituições de cultura a mesma dinâmica se reflete, sendo o privilégio branco e a conseqüente disparidade social marcada pela cor tão flagrantes quanto motivo de reparação urgente.

Por exemplo: entre os 2.443 artistas que figuram em 11 livros largamente utilizados em cursos de graduação de Artes Visuais no Brasil, apenas 22 são negras ou negros<sup>1</sup>, dos quais nenhum é brasileiro – fato que revela não apenas a exclusão histórica, mas a perpetuação das narrativas únicas, pautadas por critérios de um grupo social hegemônico. Da mesma forma, basta verificar as composições dos principais museus e espaços culturais no país para constatar a presença ínfima de afrodescendentes entre os cargos de liderança, contraste radical com um país cuja população é formada por 54,9% de pessoas negras e que deve a riqueza de sua cultura à contribuição vasta e diversa dos povos africanos.

Se cabe a todos os que acreditam em uma democracia plena confrontar as desigualdades, ainda mais imprescindível é o papel das instituições de arte, que, por definição, devem provocar o que a cultura sedimentou, romper com a repetição cega de certas crenças, projetar novas visões de mundo, reinventá-lo. Eis o tamanho do desafio, porque profundas e complexas são as sombras estruturais que definem uma sociedade; no nosso caso, em primeiro plano, o racismo.

Nos últimos anos, temos buscado tratar do tema a partir do reconhecimento de nossa responsabilidade. Isso passa por encarar as incoerências da própria instituição e, sobretudo e mesmo frente às limitações, agir.

Internamente, essa busca se revela nas conversas e dinâmicas que realizamos sobre racismo, mediadas por psicanalistas e pesquisadores negras e negros, na contratação, ainda bastante insuficiente, de mais colaboradores negras e negros, e no combate a práticas racistas veladas ou não. Em nossos programas, coloca-se no convite a artistas e profissionais negras e negros para protagonizarem mediações, exposições, debates, cursos, oficinas, comissões de júri de nossos prêmios anuais, curadorias e outras contribuições de destaque. Entre as reverberações dessas iniciativas está a de Histórias Afro-Atlânticas, mostra realizada em parceria com o MASP, eleita a melhor exposição do mundo em 2018 pelo *The New York Times*.

É nesse contexto que surge **Experiências Negras**, um projeto que apresenta e debate o protagonismo de pessoas negras nas instituições culturais. Idealizado pelas educadoras Jordana Braz e Luciara Ribeiro, consiste em uma série de encontros com profissionais negras e negros (educadores, produtores, pesquisadores, curadores e artistas), além de uma **websérie** e uma publicação com as contribuições

das convidadas e convidados aos debates. É enorme o contentamento de ver esse projeto se desenvolver, baseado nas pesquisas e articulação das educadoras do Núcleo de Cultura e Participação.

Assim como esse, nossos demais projetos são construídos pelo empenho de muitas mãos, pela colaboração de diversas equipes. Se habitar um corpo é assimilar as vivências sociais e emocionais de cada dia – uma experiência pessoal, singular e intransferível –, habitar o corpo de uma instituição é criar vizinhanças e alianças entre os corpos que nela atuam, considerando os repertórios e subjetividades desses diferentes corpos como força política e transformadora, numa soma de vivências com as quais temos a chance de aprender. Que aqui, e sempre, estejamos aprendendo.

\*Dados apresentados pelo projeto A HISTÓRIA DA \_RTE, concebido por Amália dos Santos, Bruno Moreschi e Gabriel Pereira. Mais informações em <http://historiada-rte.org/>.

\*\* Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), coletados pelo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) em 2017. Pesquisa divulgada em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>





# INTRODUÇÃO AO EXPERIÊNCIAS NEGRAS: PRODUZINDO EM TEMPO DE DISTANCIAMENTO

**JORDANA BRAZ**

*Educadora do Núcleo de Cultura e Participação do  
Instituto Tomie Ohtake*

O projeto Experiências Negras vem se voltando à apresentação do protagonismo de pessoas negras no campo da arte. As três edições anteriores foram destinadas ao trabalho de educadores, coletivos artísticos e curadoras negras. Os debates e publicações dessas edições podem ser acessados no site do Instituto Tomie Ohtake: <https://www.institutotomieohtake.org.br/participe/interna/experiencias-negras>. Esta quarta edição do Experiências Negras é dedicada aos artistas e às suas produções em tempo de distanciamento social, o que trouxe consigo grandes desafios.

Durante a crise humanitária causada pela COVID-19, tornou-se desolador ler qualquer notícia sobre o Brasil e o mundo. Para evitar a propagação do vírus, o isolamento em casa foi a opção mais segura. Porém, durante este período, a população negra ao redor do mundo continuou sendo assassinada. Segundo dados do Atlas da Violência 2020, o Brasil vem aprofundando o racismo no índice de assassinatos nos últimos anos: a taxa de homicídios de negros cresceu 11,5% de 2008 a 2018 enquanto a de não negros caiu 12%<sup>1</sup>.

Manter-se em casa cumprindo o isolamento social é um privilégio. Manter-se em casa em home office é um privilégio. Manter-se em casa com água e alimentação é um privilégio. E estar em casa conectada à Internet é um privilégio. Como usar dos privilégios para mobilizar ações que podem fazer a diferença?

Produzir o projeto Experiências Negras durante a pandemia foi como respirar bem fundo, buscando revigorar toda a energia perdida a fim de continuar no caminho da coletividade e representatividade. Buscamos trajetos ainda não percorridos, dialogamos com artistas que moravam distante do eixo Rio-São Paulo. O convite para Keila Serruya Sankofa, Nú Barreto e Rubén H. Bermúdez possibilitou reflexões distintas sobre como cada um estava vivenciando o período da quarentena em suas cidades, respectivamente: Manaus (BR), Paris (FR) e Madrid (ES).

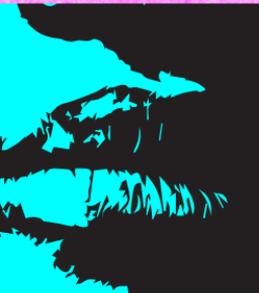
Os encontros com os artistas foram adaptados para o formato de lives. Com Keila Serruya Sankofa, a conversa abordou como a arte contemporânea está inserida nos debates sociais através da vivência afro-indígena da artista. Com o artista Nú Barreto, o diálogo refletiu as relações entre os continentes africano e europeu durante a pandemia. Outro assunto abordado nessa conversa foi a poética e a produção do artista, bem como o papel do artista em tempos de crise humanitária. E com o artista Rubén H. Bermudéz a conversa partiu da narrativa autobiográfica do livro **Y tú, ¿por qué eres negro?** para refletir sobre as semelhanças de suas vivências pessoais e coletivas experienciadas na diáspora africana em diferentes partes do mundo.

Após as lives, cada artista produziu uma série de trabalhos que vocês verão nesta publicação. Além das imagens, vocês encontrarão textos reflexivos escritos pelos artistas sobre suas produções e uma seção com trabalhos anteriores de

destaque. Esta edição traz também os textos escritos pelos educadores do Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake – Bruno Coltro Ferrari, Luara Carvalho e Pedro Gabriel A. Costa – sobre os trabalhos dos convidados, propondo uma experimentação de como pensar textualmente a mediação das obras de arte com o público. Por fim, vocês também encontrarão 12 referências, entre projetos e artistas, que estão em diálogo com a proposta desta publicação. Todo o material desta versão digital também possui a versão audiolivro, recurso que utiliza diretrizes de acessibilidade para os públicos cegos e com baixa visão. Um agradecimento especial ao Cláudio Rubino pela assessoria do conteúdo sobre acessibilidade para a publicação do Experiências Negras.

Recomendo que vocês assistam às lives do **Experiências Negras** disponibilizadas no IGTV do Instagram do Instituto Tomie Ohtake e acompanhem o site e as redes sociais da instituição para novas informações sobre o projeto. Desejo a todos uma excelente leitura!

<sup>1</sup> Dados obtidos em: <https://www.brasilefato.com.br/2020/08/27/racismo-taxa-assassinatos-de-negros-cresce-e-cai-para-o-resto-da-populacao>. Acesso em 18 de setembro de 2020.



# VESTÍGIOS DE FOGO

KEILA SERRUYA SANKOFA

*Andando pela luz do fogo das velas  
Da carne que é quente por tantos movimentos  
Da quentura inquietando o corpo que quer justiça  
Se eu morrer tem mais um monte para gritar com  
a força que tudo reconstrói*

Escrever em primeira pessoa, antes de tudo, é uma afirmação da minha existência enquanto exercício de ser político. Enquanto mulher negra da Amazônia, externar minha subjetividade artisticamente é reconfigurar a minha autoestima em uma estrutura que, durante séculos, tirou a minha autonomia como ser pensante. Há alguns anos reflito sobre essa necessidade de reparação, sendo um ato político de extrema urgência no que tange à integridade física, psíquica e emocional de pessoas negras e indígenas. Reivindicar esse lugar afirmativo é modificar o que me rodeia, é um passo importante de uma guerra que será vencida.

Sou artista visual, produtora e realizadora audiovisual. Minhas criações caminham por muitos territórios. Uma pessoa que reivindica necessidades diversas de raça e gênero, memória e o direito de ir e vir. Acredito que posso reconstruir caminhos ocupando as ruas, minha principal escola. Faço trabalhos de videoarte, fotografia, autorretrato, performance e cinema, sendo essas linguagens canais de escuta com o outro que na rua habita ou transita. Sou uma mulher negra nascida no coração da maior floresta tropical do mundo, a Amazônia. Moro em Manaus, e a chamo de Filha da Água-Doce e Neta do Sol-Quente, esta cidade que tem as delícias e perversidades de qualquer cidade grande. Aqui a colonização fez um plano sistemático de apagamento, existem muitos negros e indígenas, mas suas vivências e

**Série Vestígio de fogo, 2020.**

**Técnica Híbrida: fotografia, performance e manipulação**



permanências são excluídas e exotificadas na cidade de Manaus. Um apagamento baseado na não existência, em um processo de invisibilidade constante, porém meu encontro com as ferramentas artísticas é uma forma de me reconstruir e (re)existir a todas essas bizarrices provincianas e coloniais.

O conhecimento das forças da natureza e o abandono da crença da binaridade, que divide tudo entre bem ou mal, me reposicionaram epistemologicamente. Deslocada de uma conversão cristã, há uma mulher negra sem medo da morte e da culpa. Sair do local de fragilidade para permanecer viva com minha cultura é a ação de queimar subserviência e substituí-la por insurgência. Com essa ação, eu honro as pessoas negras e indígenas que antes de mim estiveram e que legitimaram com seu conhecimento ancestral.

Para o povo Yorùbá, o fogo representa justiça, e é isso que nós, mulheres negras, procuramos incessantemente. Somos líderes em diversas estatísticas de violência, mas também somos quem guarda os segredos de nossa ancestralidade africana. O Brasil é uma invenção racista colonial, houve um esforço brutal para combater a vida dos africanos e povos originários, nossas manifestações de fé, cultura e arte foram fortemente atacadas; e, todavia, elas resistem na contemporaneidade.

Existe em mim um esforço que busca destruir meus incômodos sociais e históricos, não farei manutenção dessas aflições. Percebo que estou no meio de uma guerra, e sabendo que meus antepassados venceram as violências através de sua conexão com os elementos naturais, reconheço minhas possibilidades de vitória utilizando essas ferramentas como meio de canal e cura. Contudo, não será possível sozinha, e por esse motivo espelho-me em uma tríade de orixás (entidades divinas cultuadas pelos povos Yorùbá). Primeiro falo de Iansã, a vencedora das guerras, deusa da espada



flamejante, das paixões, rainha dos raios, senhora que sinaliza o caminho dos Eguns (espíritos de pessoas que já morreram). Acredito ser ela quem traz meu despertar de consciência, minha necessidade de movimento, coragem e velocidade de raciocínio. Ogum me fez compreender que somente é possível alcançar um objetivo quando se tem uma ferramenta, como um objeto transmutável no fogo, e me conectar com esse símbolo me posiciona em lugar de poder, onde tenho nas mãos instrumentos para ressignificar minha realidade e abrir as portas que eu desejar. O orixá Xangô me instigou o desejo inquietante de justiça, meu peito sempre queimou diante dessa realidade social e a história ficcional desse país, Xangô me despertou o pensamento com seu machado de pedra que tudo pode eliminar, inclusive a ignorância, e fez-me compreender o processo vital de meu percurso, queimando minha dores e fortalecendo minha presença. Sigo firme para que eu nunca seja combustível para a fogueira do meu inimigo. Com fogo me atacam, com fogo contra-atacarei.

Utilizar o fogo como elemento ritualístico e simbólico é essencial para que eu consiga existir integralmente. Esse elemento me vem como um canal de emissão das forças da natureza. Neste momento de reclusão social, onde sabemos que poderemos ser consumidos e virar pó, só foi possível me manter firme tendo a ação de me conectar com esse conhecimento ancestral. O fogo como elemento transmutador serviu para queimar minhas angústias e dúvidas, e assim resistir por meio da minha fé/arte/vida/cultura. Como Xangô, resolvi soprar brasa nas coisas que queriam me abater, utilizando estratégias, como Iansã me ensinou, e ainda estando protegida com as roupas flamejantes de Ogum, sendo o fogo parte de minha pele, não combustível.

A certeza que vencerei, viva ou morta, me fortalece, me finca

no chão, me faz desapegar do que é passageiro. Estamos sempre em uma encruzilhada de saídas infinitas, utilizando o fogo como reforço na impermanência da vida e seus múltiplos caminhos. Para alcançar essas infinitas conexões, utilizo a vela como ferramenta simbólica, um canal por onde o fogo se conduz. Lembrando a efemeridade de minha existência, trazendo possibilidades para o agora. Quando acendo uma vela e olho para o fogo brilhante que queima, percebo que se abre um portal de consciência transformador em mim. A carga simbólica do fogo enquanto elemento transmutador reafirma o poder de mudança que sempre tive em minhas mãos. Evocar simbologias que conferem à consciência um ato de subversão é de fundamental importância para construir um repertório imagético capaz de fortalecer subjetividades esvaziadas de sua capacidade de sentir e pensar o mundo através de sua fé e cultura.

Trabalhar com arte foi uma escolha de contrafluxo dentro das minhas reais possibilidades, porém, tive oportunidades de aprender, ainda que de forma precária. Não diferente do país, o meu estado continua fazendo dos espaços de arte lugares extremamente elitizados. Para circular nesse contexto existe um sistema de regras não formalizadas, as quais compactuam com uma constante estrutura que exclui todas aquelas pessoas que não carregam o capital linguístico disseminado pela academia, baseada em uma estrutura eurocêntrica que domina, exclui e destrói tudo aquilo que não é ela. Diante da falácia da conjuntura atual, é de extrema urgência o ingresso de mulheres negras, indígenas e dissidentes na produção da arte contemporânea e em seus espaços de contenção do setor artístico. Fazendo um pequeno exercício de reflexão, enquanto mulheres brancas utilizavam suas ideias e corpos para produção de obras performáticas em instituições oficiais do circuito artístico, nas décadas de 60/70, nós, mulheres negras, estávamos em lugar de subalternidade socioeconômica, mas em constante movimento cultural nos

terreiros, tambor de gambá, de crioula, marabaixo, carimbó, bumba meu boi e infinitas outras manifestações.

Sempre trabalhei atrás das câmeras, por diversos anos direcionei outros corpos para produção de narrativas cinematográficas, fotografias e/ou performance, fazendo uma manutenção da impossibilidade de utilizar meu corpo como suporte para construir narrativas. O auto-ódio é uma ferramenta eficaz nessa sociedade antívida de pessoas negras e indígenas, produzir autoestima é revolucionário, me colocar em um lugar de fala em primeira pessoa é afirmar que este corpo que habito é protagonista de minha história. Esse exercício de narrar com minha imagem é recente,

e foi através desse olhar que compreendi as possibilidades de me reconstruir, reposicionando-me em uma construção autorreferencial.

Corpos insurgentes existem para colocar fogo na estrutura perversa e nada é mais delicioso que fazer isso com imagem.

A fotoperformance *Vestígios de Fogo* trouxe um protagonismo à minha existência, encontrando nela repertório para essa provocação. Percebi que precisava alongar os cabelos, fazendo duas grandes tranças nagô, que são penteados onde os fios são trançados na raiz, símbolo que relembra a força e beleza de nossos cabelos crespos. Pedi para a trancista Fernanda Varela fazer de um comprimento que tocasse o chão, lembrando a terra como algo sagrado. Fui a um espaço vazio da casa e acendi diversas velas ao meu redor, assim como faço todos os dias, um ritual que integra meu cotidiano. A performance foi iniciada na quentura do dia manauara e pôde ser realizada com o apoio da minha filha Maria Tucandeira, de nove anos, que colaborou na captura dos registros. Conversamos durante o processo sobre a importância da imagem para pessoas negras e o poder do fogo, e essa troca de informações trouxe uma fluidez para a execução do trabalho. As fotografias realizadas passaram por um processo de edição digital e impressão, mas o resultado trouxe imagens reluzentes e uniformes, muito distantes da intenção da proposta; o fogo deixa rastro e ali só existia sua luz. Revisitei minha relação com as forças naturais que me impulsionaram, a tríade de orixás e a busca por justiça, além de lembrar as ferramentas utilizadas para fortalecer a visibilidade de pessoas negras: inevitavelmente lembrei o quanto a branquitude e sua estrutura colonial se organizam para realizar esse apagamento. Entendi que essas camadas deveriam estar expostas visualmente, o que me levou a um processo alquímico com água sanitária. Esse produto alvejante é simbolicamente similar à estrutura de

opressão branca e sua incessante busca por essa assepsia estética, que é instrumento de apagamento de outras culturas. Para realizar esse procedimento, fiz uma mistura de água sanitária e água tratada, juntei tudo em uma bacia de inox e fui mergulhando as fotografias por partes ou inteiramente na mistura. Logo no primeiro teste percebi a despigmentação da foto, um apagamento da imagem, e, por isso, deveria ter cuidado para escolher os setores específicos que seriam mergulhados no líquido.

O ato de fotografar é uma reivindicação e um direito à memória. Trago a proposta do descolorante com água sanitária como ação simbólica de lembrar nossas memórias e manifestações culturais que foram apagadas pelo sistema colonial e seus diversos artifícios institucionalizados. A edição artesanal nessa etapa trouxe uma perda de cor, mas compreendo o fogo como essencial nesse processo de restauro. As fotos passam por um terceiro procedimento, que conduz as imagens impressas e embranquecidas ao fogo das velas, retornando ao lugar de sua produção. Como nos ensina o pássaro do povo Akan (Costa do Ouro, atual Gana), Sankofa, "nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás". Retornar ao local onde a produção das imagens aconteceu e reacender mais velas para queimar as partes embranquecidas foi restaurador.

Percebo como essencial descrever nossa atual situação com o Coronavírus e a COVID-19 no Brasil. Quando fui convidada, em maio de 2020, para participar do projeto Experiências Negras, tínhamos mais de 15 mil mortes no país causadas pela pandemia, hoje calculamos quase 90 mil mortes. Tenho certeza que até o processo de diagramação e publicação desta revista os números terão avançado. E mais lágrimas terão rolado e molhado esse chão gestado pelos injustos. Desejo que todo esse sofrimento queime principalmente as desigualdades raciais e todas a mazelas que a estrutura piramidal alimenta.



*Por fim, e mais importante, agradeço àquele que  
sabe todas as histórias incontáveis do mundo e  
por isso conhece todos os caminhos.*

*Desvio.*

*Encruza.*



**KEILA SERRUYA SANKOFA**

*Ele é o primeiro*

*Mensageiro entre os homens e os deuses*

*Rei da rua*

*Confunde a branquitude*

*Em sua gargalhada silenciosa e complexa*

*Seta certa*

*Farofa*

*Dualismo binário se perde, se entala*

*Mas bebendo água dá pra engolir*

*Relaxe. Não existe inimigo de nossas almas*

*BEM E MAL na mesma fluidez*

*Com ele não há pecado*

*Nem vergonha da nudez*

*É quando estou no final na fila*

No piscar  
Chegou minha vez  
Antítese do criar  
Ele com sua quentura somado com a paz de  
Orunmilá  
Carrega dendê na peneira  
Quem deve ser consultado?  
O rei. E também admirado.  
Caso contrário é língua presa e mente perdida  
Cosmogonia antiga  
Acreditando nas encruzadas  
Por isso posso ter certeza que esse erro *EU*  
Foi acerto cavado por muitas

# TRANSMUTAÇÃO (OU VESTÍGIOS DE FOGO)<sup>1</sup>

**LUARA CARVALHO**

*Educadora do Núcleo de Cultura e Participação do  
Instituto Tomie Ohtake*

*Atuo como educadora do Instituto Tomie Ohtake desde 2018. Este texto busca refletir sobre os trabalhos Vestígios de Fogo, de Keila Serruya Sankofa, sob a perspectiva de mediação; sua estrutura segue o caminho de uma visita educativa: acolhimento, desenvolvimento e fechamento.*

## **Acolhimento (ou de onde eu falo)**

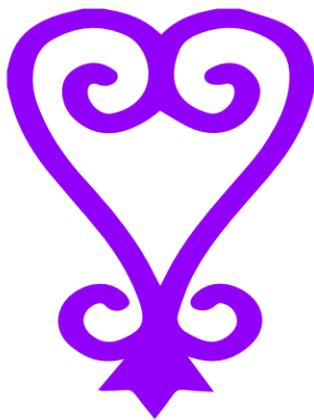
Peço licença para me apresentar ligeira antes de começarmos a imersão no trabalho da artista Keila Serruya Sankofa.

Trabalho com mediação cultural há 11 anos. Já passei por muitas instituições públicas e privadas aqui em São Paulo. Cursei história e, na faculdade, pouco ou quase nada se falava da diáspora africana e seus desdobramentos. Assim

também foi nas instituições culturais nas quais atuei e atuo. Esse cenário vem mudando um pouco nos últimos anos, mas ainda assim me parece que falta muito caminho pela frente para que instituições de ensino e cultura mudem de maneira estrutural. Falta a prática real das políticas de ação afirmativa.

“Tipicamente brasileira”, sou de família miscigenada: avó preta, avô branco, mãe preta, pai branco. Meus avós maternos nasceram no interior da Bahia. Pela descrição que minha avó faz de seu pai, presumo que ele era preto, mas contam que a minha bisavó era indígena, não se sabe de que povo. Com minha mãe, tia e avós maternos aprendi a relação com as ervas. Meu avô fazia garrafadas para curar tudo quanto é tipo de doença. Minha avó sabe o nome de todas as plantas, conhece seus efeitos medicinais e quais chás precisamos tomar em cada situação. Esses ensinamentos não se aprendem na faculdade, na escola. Essa história é oral e passada de geração em geração. Se não se toma cuidado, ela se perde. Vai sendo apagada, como tem sido apagada a história dos nossos povos ancestrais desde a colonização.

<sup>1</sup> Antes de ler este texto, sugiro que olhe atentamente para o portfólio de Keila Serruya Sankofa nas páginas 32-37.



"Sankofa" (um adinkra, simbologia do povo Akan da Costa do Ouro, atual Gana) é um pássaro de duas cabeças que nos ensina que "nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás". E olhando para trás, tateando para apanhar aquilo que ficou, com pouco conhecimento de qual é o chão e o caminho que me trouxeram até aqui, entendo-me também como descendente dessa diáspora, como fruto da colonização e de uma miscigenação muitas vezes violenta e embranquecedora (palavras que, talvez, sejam sinônimas, arrisco dizer).

Este texto não pretende trazer "verdades" sobre o trabalho de Keila. Ao contrário: as provocações, aqui, partem do olhar de uma educadora que escreve este texto de sua casa, em São Paulo, num contexto de pandemia (que indiscutivelmente é o período mais incerto que já viveu em sua vida) no qual certezas não têm sido companhia. Antes de qualquer coisa, este texto coloca em perspectiva **um olhar possível** sobre o trabalho dessa artista.

Agora que você já me conhece, sugiro que reflita antes de prosseguir: e você? De onde você parte para ler estas linhas?

## Desenvolvimento (ou sobre quem eu falo)

Keila Serruya Sankofa é uma artista manauara, mulher, preta. Ao colocar o "Sankofa" como sobrenome, *parece-me* que Keila está nesta constante busca de olhar para trás para apanhar o que ficou... Parece que ela percorre um caminho, quase nunca fácil, de olhar para a história dos povos originários e das filhas e filhos da diáspora entendendo que essa história – e esses corpos –, neste país sofre constantes tentativas de apagamento e destruição. E o que fica, talvez, é a picada no mato aberta a facção por nossa ancestralidade que segue mantendo cada uma e cada um em pé e caminhando numa mesma direção.

A série *Vestígios de Fogo* nos mostra o que parece ficar em Keila: a luta contra essa tentativa constante de calar as vozes, silenciar os corpos, apagar as culturas ancestrais...

***Peço agora ao leitor que pause. Olhe para a fotografia na qual Keila, olhando fixamente para o observador, segura uma vela em uma mão e na outra segura seu cabelo trançado com trança nagô. O que o olhar de Keila te diz? O que essa fotografia te diz? Onde é possível notar a presença do fogo? O que essa presença te diz?***

Para mim, os olhos de Keila me encarando com a chama da vela nas mãos provocam força. A força de uma mulher preta que traz consigo o vigor de todas as suas ancestrais no olhar, no corpo. Ao mesmo tempo que ela traz essa força, seu olhar me convoca numa pergunta:

***e você, vai ficar apenas olhando?***

O fogo é elemento central desse trabalho, já que ele aparece como vestígio na vela derretida em primeiro plano, como índice nas bordas carcomidas da fotografia e como potência na vela que a artista segura em suas mãos. Assim, temos o fogo com dois significados possíveis: como destruição dos lugares por onde passa e como transmutação, como quando Ogum forja o ferro com seu calor.

O fogo remete também a Xangô, orixá da justiça. E o olhar de Keila clama justiça, abre caminho para que a justiça seja feita em primeira pessoa e não concedida por uma princesa branca mediante uma assinatura. Torna-se a força para seguir os passos de todas e todos que abriram caminho antes dela. Antes de nós.

Na composição desse trabalho, nada parece estar à toa. Na sua mão direita temos um anel de búzio, concha sagrada que evoca a proteção dos orixás. Citei aqui dois deles, mas Keila enfatiza também como Iansã é importante para seu trabalho. Iansã, rainha dos ventos, orienta aqueles que partem no mundo espiritual. Iansã é também a vencedora das guerras e o olhar de Keila nos mostra a sua força: não está na guerra para perder. Mas essa guerra – e essa vitória – será coletiva.

## **Fechamento (o que ficou para trás?)**

Evocar elementos sagrados na esfera artística pode ser potente: mostra de forma concreta que a arte e a vida estão conectadas e que a separação desses elementos em caixinhas de conhecimento é trabalho do pensamento ocidental.

Keila propõe uma série de apagamentos das imagens que registraram sua ação com fogo, dando para nós a possibilidade de imaginar o que estava contido na imagem completa e, com isso, nos fazendo pensar que aquilo que



ficou para trás pode ser reelaborado, assim como faz Exu: matando um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje reescreve o passado e (re)inventa um futuro possível.

**Referências:**

**PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.**

**SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. Petrópolis: Vozes, 2017.**

# PORTFÓLIO: **KEILA SERRUYA SANKOFA**

*“Andando pela luz do fogo das velas  
Da carne que é quente por tantos movimentos  
Da quentura inquietando o corpo que quer justiça”*



Série **Vestígio de fogo**, 2020

Técnica Híbrida: fotografia, performance e manipulação





**Ancestralidade de Terra e Planta, 2018-2019**

*Instalação audiovisual urbana*

*Foto: Rafael Rodrigues*

A utilização das plantas como ferramenta de cura e da terra como símbolo de memória. Fotografia, videoinstalação e performance, juntas ou separadamente.



**AQUI. 2014**

*Videoinstalação urbana*

*Foto: João Paulo Machado*

Filme documentário exibido em uma videoinstalação em calçada pública. Diário audiovisual trazendo depoimentos de mulheres trans, travestis e homossexuais afeminados e suas experiências, existência, amor, sonhos, estudo, família, tudo corriqueiro e comum.



**Direito à Memória. 2019-2020**

*Projeto transmídia*

*Foto: João Paulo Machado*

Projeto transmídia que reivindica a memória de figuras negras importantes para o estado do Amazonas. Pesquisa artística que traz uma produção de obras de diversas linguagens, como filme, fotos, performance, GIF e poesia.



**Raiz e Patchuli. 2020**

*Videoarte*

*Autorretrato*

Marimba Ani, em sua obra filosófica, afirma: "Sua cultura é seu sistema imunológico". Sinto-me profundamente atravessada por essa reflexão e completo essa citação, com uma certa audácia, afirmando: doente eu não fico.

# RESILIÊNCIA!

*NÚ BARRETO*

Desliza o tempo numa fragilidade constante, pondo em causa a ideologia ou pondo em causa a realidade que sempre evocada foi... Evocar e reevocar nunca serão suficientes. Aos palpites sufocados há tempos e sem o mínimo zelar aparente, apostam com firmeza ideologias salvantes e corajosas, lutando com ventos e marés, contra vontades e supremacias; em suma, contra o bom senso humano, se é que existe. Será uma terminologia ou um exagero?

A tragédia é presa num confinamento desvairado, inelutável e inexplicável, pois novato, enfim, indica quase tudo que não é bem assim o que a história vive e que será assim contada deformadamente de boca a boca, a cada um o jeito seu, a contar o contado.

Revelou a pandemia uma total insegurança da vida dita humana. Revelou a pandemia as balbuciadas controversas constantes, escondendo uma fragilidade que não assume quem deveria. Revelou a pandemia inspirações e, relatando sem leveza e ambiguidade, visões e ideologias. Aos passos rolando no tempo, o contador é imparável, onde, a cada dia, vítimas por mil se somam e se sepultam. Confundia-se o infectado do curado.

Afinal, longe da minha específica e pessoal escritura não estava a realidade nua e crua.

Com abnegação encarei o desfiar profundo da sociedade e os desequilíbrios sociais pelos quais todos vivem sem remédio, espelhando com rigor e ressentimento ou a vivência assumida pelo que der e vier. O ambiente é pálido, mesmo havendo sol, e haja a frescura, a tristeza da constância faz ressentir à pele a estranheza da dor pandêmica.

A narração explora a fragilidade e a sufocação da vivência, oferecendo pela ocasião ao aspecto transparente dum vidro, num desequilíbrio social desassociado ilustrado pelas escadas estilhaçadas ou partidas em cantos e recantos.

**Desenho da Série Traços Diários 2, 2020**

30 x 30 cm

Fotografia: Atelier 80/Paris



*As perguntas a seguir foram realizadas durante a live com Nú Barreto, realizada em 25 de junho de 2020.*

**Nú, você poderia nos contar sobre o seu processo criativo e sobre as temáticas do comportamento humano?**

*O meu processo criativo ressalta um conjunto de elementos associados ou juntados. O ponto de partida é variável, pondo o essencial ou a temática em evidência ou relevância. Seja a pintura, a fotografia ou o desenho, sempre um guião, nesse caso uma temática, é de considerar. A virulência crítica da minha escritura artística repousa na sinceridade dos elementos componentes da obra frisada. Faço questão de ser compreendido, mas não aceito por simples passividade. O comportamento e a imperfeição dos seres continuam numa total subjugação, o que me inspira a evocação.*

---

**O que seria a escritura artística mencionada por você? O que está por trás desta escrita? Como define a sua prática artística nesse contexto?**

*Quando me refiro a uma escritura artística, trato do estilo e linha ideológica que traça o próprio artista. A minha prática artística é muito engajada (daí a marca hoje irrefutável: a cor vermelha no meu trabalho) e não tolero espaço de imaturidade, pois envolvemos a sociedade na nossa ideologia ou escritura artística. O ato artístico passa, então, numa fase importante, onde não há lugar para a diversão. A arte assume o seu aspecto “espelho” da sociedade e educadora das consciências. Não concebo uma simples arte, pois nunca existe um simples artista.*



# GESTOS ANTE A APATIA

**BRUNO COLTRO FERRARI**

*Educador do Núcleo de Cultura e Participação do  
Instituto Tomie Ohtake*

Foi através do gesto que nossos ancestrais deixaram as primeiras marcas no que se entende por história da humanidade. As primeiras grafias humanas sobre o mundo: no interior de cavernas, nas pedras do leito de um rio, nas rochas sedimentadas pelo tempo, na incansável necessidade de projetar para o mundo exterior "suas mais intangíveis representações mentais em alegorias coloridas", conforme narra M. Nicolelis. Marcamos o mundo e transcrevemos nossas memórias, crenças, mitos, desejos, emoções e sentimentos.

Ontem, hoje e amanhã, o desenho se manifesta logo no princípio da vida. É a primeira escrita da criança, a garatuja, o "desenho rudimentar, mal feito, normalmente sem forma e ilegível"<sup>1</sup>. Uma tentativa de representar a sua percepção do mundo, onde "a criança desenha para experimentar, comunicar e poder registrar a sua fala"<sup>2</sup>.

Conforme crescemos, passamos por etapas de desenvolvimento do desenho, adquirimos habilidades e exploramos materiais. "No início, a criança pode estar rabiscando pelo prazer de rabiscar, mas à medida que vai dominando o gesto e percebendo visualmente que entre

o gesto e as marcas que faz existe uma ligação, seus atos passam a ser intencionais<sup>3</sup>. Nesse natural processo evolutivo, observamos o mundo que nos rodeia e, com a criatividade desperta, adquirimos a nossa capacidade de socialização.

"A leitura do mundo precede a leitura da palavra", afirmou Paulo Freire, e essa leitura inicial, apoiada na realidade vivida e singular a cada indivíduo, pode ser realizada e interpretada no desenho que precede a escrita.

No entanto, conforme crescemos, vamos aos poucos perdendo o interesse nesses gestos que criam traços conforme leem o mundo. Junto se vai a curiosidade que pede por uma exteriorização das imagens mentais. Dentre alguns fatores que levam a isso, a escola tem um papel crucial. Com todo o seu modo cartesiano de pensar, somado à competitividade que só aumenta conforme se aproximam os últimos anos escolares, nos afastamos do nosso sensível, substituímos o lúdico e as interpretações de mundo por uma racionalidade iluminista. Por fim, permitimos que outras pessoas criem filtros para nós. Neste momento aparece um outro fator importante nesse distanciamento: a era digital. O excesso de imagens e a "falta" de tempo para uma observação mais detalhada daquilo que se apresenta como verdade nos levam também para uma perda de habilidades mentais. É justo dizer que surgem outras, mas aquele modo analógico e experimental de riscar e marcar o mundo concreto é substituído por um ou dois dedos que deslizam por uma tela lisa, deixando apenas rastros em uma nuvem.

<sup>1</sup> Definição de *Garatuja* segundo o Dicionário Online de Português.

<sup>2</sup> Artigo de Lucimara Santos Melo que tem por objetivo mostrar a importância do desenhar para as crianças. <sup>3</sup> Segundo Ferraz e Fusari (1999) em artigo de Lucimara Santos Melo.

Não só perdemos o interesse como adquirimos o medo de desenhar, e nossa grafia original, tal qual tantas culturas e todas as matrizes linguísticas já extintas ou em processo, também parece diante da colonização da memória, do gesto e do corpo.

Ao observar um desenho mergulhamos no inconsciente, que no embate com a razão, que teima em respostas corretas e conclusivas, nos faz avaliar linhas, manchas, formas, texturas, cores etc. numa tentativa de reconhecer padrões que se encaixem na nossa individual realidade, assim como fazíamos quando crianças. Porém, agora como meros leitores e leitoras carregados de filtros perceptivos.

Diante dos desenhos de Nú Barreto, os olhos deslizam pelas superfícies atraídos por sua "escritura artística", como ele próprio define o estilo e linha ideológica de um artista, e ora se deparam com objetos simbólicos, como pássaros, maçãs e bananas, ora com índices, algo que indica um grito ou o estresse, como marcadores de uma realidade compartilhada. E a isso tudo nos é possível interpretar devido a nossa capacidade de leitura do traço gestual, essa forma de escrita apreendida em tenra infância.

Eliminando o caráter naturalista em sua obra, e de forma semelhante aos expressionistas, o artista nos liberta da forma idealizada e nos permite ir ao encontro de nosso íntimo, a subjetividade, que por sua qualidade abstrata – qualidade esta fundamental para o desenvolvimento social de nossa espécie – nos toca as emoções, brotando o que de mais humano e sensível existe em cada pessoa.

É possível ficar sem palavras diante das obras da série Traços diários, apenas na tentativa de uma argumentação lógica enquanto se "explora a fragilidade e a sufocação da vivência", conforme nos escreve Nú. Do mesmo modo, muitos se encontram diante das imagens midiáticas produzidas pela pandemia, das tão nítidas emoções que nos atravessam, mas onde não é

possível formar frases, sabemos apenas que compartilhamos algo em comum.

Segundo Nú Barreto, “a tragédia é presa num confinamento desvairado, inelutável e inexplicável, pois novato, enfim, indica quase tudo que não é bem assim o que a história vive e que será assim contada deformadamente de boca a boca, a cada um o jeito seu, a contar o contado”. O que nos faz lembrar que desde sempre a história contada é deformada e incompleta, como incômodas cadeiras de pernas tortas ou um engarrafado corpo vermelho decapitado. Uma história incompreensível porque não fecha, como um homínido de seis ou sete membros, que conforme se desloca no vazio do espaço nos instiga a decifrá-lo.

Associando e juntando elementos gráficos, fragmentos materiais, gestos e memórias, acredito que as imagens da série Traços diários de Nú Barreto exigem de cada um de nós um retorno às habilidades de ler o mundo e restabelecer uma comunicação com o sensível, num grito ante a apatia da normativa colonial, uma volta a nossa capacidade de socialização, nem que seja somente com os nossos pares.

<sup>4</sup> Segundo Miguel Nicolelis em seu livro *O verdadeiro criador de tudo*.

<sup>5</sup> Texto do artista Nú Barreto para a publicação *Experiências Negras*.

#### Bibliografia

NICOLELIS, Miguel. *O verdadeiro criador de tudo: como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos*. São Paulo: Planeta, 2020.

MELO, Lucimara Santos. *O desenho infantil e suas etapas de evolução*, 2016. Disponível em: [https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc\\_2.pdf](https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_2.pdf). Acesso em: 27 ago. 2020.

RIBEIRO, Débora. Garatuja, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/garatuja/>. Acesso em: 27 ago. 2020.

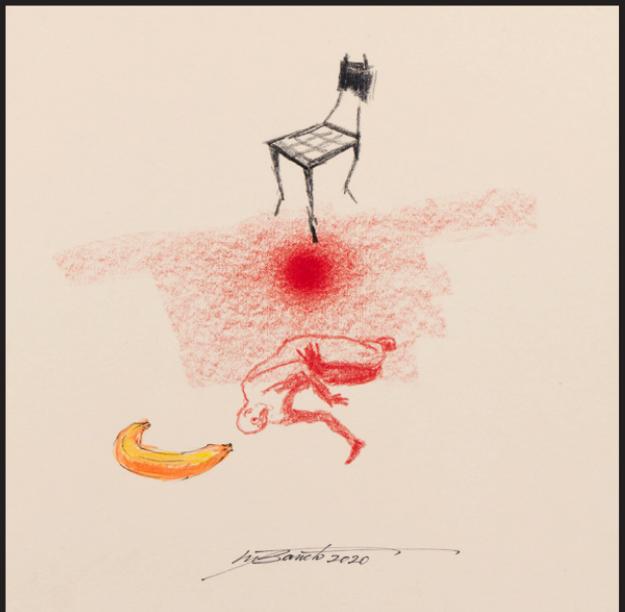
# PORTFÓLIO: **NÚ BARRETO**



3 desenhos da Série **Traços Diários 2**, 2020

30 x 30 cm

Fotografia: Atelier 80/Paris





**J'ai Trop Peur**, sem data

Colagem, tinta acrílica e lápis cerâmica sobre papel

70 x 100 cm

Fotografia: Atelier 80/Paris



**Espanto**, sem data

Colagem, tinta acrílica e nanquim sobre tela

110 x 110 cm

Fotografia: Atelier 80/Paris



**Enforcados**, sem data

Colagem, tinta acrílica e lápis cerâmica sobre papel

76 x 100 cm

Fotografia: Atelier 80/Paris



**A Queda, 2019**

Colagem, tinta acrílica e lápis cerâmica sobre papel

70 x 100 cm

Fotografia: Atelier 80/Paris

# LOS DÍAS DE LA CUARENTENA / OS DIAS DA QUARENTENA

RUBÉN H. BERMÚDEZ

## I.

*Tenía miedo de contagiarme o de contagiar, no quería salir de casa. ¡Gol de Llorente! Al poco decretaron el estado de alarma. Guantes y mascarillas. Compra semanal, gel desinfectante.*

*Working On a Groovy Thing. Me despierto y me pongo a cocinar. Mis primera croquetas, mi primer mafe. Ajo y jengibre. I'm Still in Love with You Girl.*

*Tengo que llamar a mis abuelos. ¿Cómo estás, mamá?*

## II.

*Entra el sol. He cobrado y estoy de buen humor. Me miro los pies. "No vayas a por pan, eh, quédate en casa". La gente aplaude en los balcones. Desde mi ventana no veo a nadie, solo los oigo.*

*Tengo algunas clases. Amigas de Argentina y Brasil, Luciara, Verónica. Le hablo a una pantalla. Siento una emoción contenida.*

### **III.**

*He vendido a 'A todos nos gusta el plátano', la película que hicimos el año pasado. Qué alegría. Hace tiempo que salimos a la calle. Ayer vi a Moha y fue bastante bien. Creo que me he quemado el pecho de tomar el sol.*

*Tengo que bajar a la tienda del señor. Quiero una sandía.*



## **I.**

Tinha medo de contagiar-me ou de contagiar, não queria sair de casa. Gol de Llorente! Logo eles decretaram o estado de alarme. Luvas e máscaras. Compra semanal, gel higienizante.

Trabalhando em uma coisa interessante. Acordo e começo a cozinhar. Meus primeiros croquetes, meu primeiro mafé. Alho e gengibre. Ainda estou apaixonado por você, garota.

Tenho que ligar para meus avós. Como você está, Mãe?

## **II.**

O sol entra. Recebi dinheiro e estou de bom humor. Olho para os meus pés. "Não vá buscar pão, hein, fique em casa." Pessoas batem palmas nas varandas. Da minha janela não vejo ninguém, apenas ouço.

Eu tenho algumas aulas. Amigos da Argentina e do Brasil, Luciara, Verónica. Falo para uma tela. Sinto uma emoção contida.

## **III.**

Vendi "Todos gostamos de bananas", o filme que fizemos no ano passado. Que alegria. Faz tempo que saímos para a rua. Vi Moha ontem e correu muito bem. Acho que queimei meu peito de tomar sol.

Tenho que descer para a loja do senhor. Quero uma melancia.



# **SOBRE ESPAÇOS DE FORMAÇÃO**

**PEDRO G. A. COSTA**

*Educador do Núcleo de Cultura e Participação do  
Instituto Tomie Ohtake*

Existe uma relação complexa entre identidade e estereótipo. O estereótipo é uma dada imagem sobre determinada população ou cultura que tende a gerar expectativas e julgamentos (geralmente negativos) prévios naqueles que a carregam. Por outro lado, o indivíduo sobre o qual é projetada uma imagem estereotipada vê-se sempre forçado a confirmá-la ou rejeitá-la, de tal modo que, enquanto esse estereótipo vigorar, enquanto estiver presente e atuante no imaginário das pessoas, o indivíduo que é marcado por essa imagem deverá se relacionar com ela.

Na comunidade negra afrodiaspórica esse é um grande problema, uma vez que o projeto colonial criou fortes estereótipos sobre ela. O problema é abordado por Frantz Fanon em seu livro *Pele negra, máscaras brancas*<sup>1</sup>. Fanon observa que o indivíduo negro ou mestiço muitas vezes aceita tais estereótipos negativos sobre seu povo como verdadeiros, mas ao mesmo tempo tenta negá-los se “embranquecendo”, isto é, mimetizando traços, gestos, trejeitos ou linguajar de pessoas brancas, vestindo, então, uma máscara branca.

Sobre esse ponto, Fanon relata um costume entre os jovens da Ilha de Martinica. Quando um desses jovens retornava de uma

viagem à Europa, os outros jovens iam recebê-lo no porto da cidade e a primeira coisa que observavam era se aquele que retornava havia adquirido o sotaque da metrópole, da capital. Se fosse este o caso, então sabiam que tal jovem havia incorporado os valores coloniais e se distanciado de sua comunidade.

Porém, ainda que um indivíduo negro rejeite completamente os estereótipos e siga com sua vida, Fanon alerta que tais imagens sempre estarão próximas a ele, como no caso de um médico negro, muito bem-sucedido, sobre quem todos têm boas opiniões e dizem ser muito competente. No momento em que esse médico cometer um erro, os estereótipos virão à tona, com toda a força. Esse médico, diz Fanon, vive à beira de um precipício, qualquer passo em falso e ele pode cair.

O artista Rubén H. Bermúdez tem pai e mãe madrilenhos, um fato que parece gerar estranheza entre os espanhóis, que geralmente o questionam: então por que você é negro? Foi a partir dessa pergunta que Rubén desenvolveu um dos seus mais importantes trabalhos, o livro *Y tú ¿por qué eres negro?*, um relato autobiográfico sutil e ao mesmo tempo abrangente do crescimento de um jovem negro na atual Espanha.

Ainda criança, Rubén se viu em meio a uma cultura de estereótipos, mas desde cedo começou a buscar relações afetivas e simbólicas que vão na contramão dessa cultura que toma os corpos negros como exteriores, diferentes, estranhos ou apenas ausentes. Em *Y tú ¿por qué eres negro?*, Rubén apresenta apenas alguns traços da sociedade espanhola enquanto revela passagens de sua formação pessoal, e aos poucos esses pequenos traços dão a ver os contornos gerais do racismo e do preconceito que permeiam essa sociedade, assim como permeiam a sociedade brasileira, ambas férteis de heróis colonizadores.

A força do trabalho de Bermúdez reside no fato de ele revelar

o olhar de um jovem negro em meio a essa sociedade. Suas fotografias retomam as imagens que chamavam a atenção de um menino cuja consciência pessoal e social estava em formação. A partir de suas memórias, o artista retoma o olhar de um garoto já atento aos gestos e olhares que estranham a presença de um corpo negro ao seu lado, ao mesmo tempo que questiona a ausência de corpos negros nas imagens midiáticas cotidianas. Por outro lado, esse mesmo olhar consegue captar com ainda mais força as imagens de resistência, que revelam, ainda que entre as brechas, lugares onde esse jovem é representado, onde pode se identificar.

Uma perspectiva pessoal, própria, da "dupla consciência" que Paul Gilroy descreve em seu livro, *O Atlântico Negro*<sup>2</sup>, como a consciência de pertencimento a uma cultura nacional sobreposta pela consciência de pertencimento a uma outra cultura, dispersa, fragmentada, afrodiaspórica. A experiência dupla de se compreender como local e estrangeiro no território onde nasceu, de se identificar com o local e ao mesmo tempo se desidentificar com ele, encontrando-se em outras expressões culturais, campos simbólicos, em outras imagens, narrativas, músicas e corpos.

Desde cedo, Rubén se viu diretamente em contato com os limites dos discursos nacionalistas e étnicos das sociedades euro-americanas. E de maneira poética seu livro conseguiu transparecer como a geografia colonial das potências europeias não cabe no corpo e no olhar de um jovem negro. Assim, esse jovem apresenta em sua formação um esforço contínuo de reorganização dos discursos patrióticos e nacionalistas, que transgride fronteiras e histórias oficiais. Esse gesto sofisticado e ao mesmo tempo comum a uma comunidade de jovens negros e negras que não se enxerga representada nas imagens oficiais desses países marca a tônica dos trabalhos de Bermúdez. Sua capacidade de capturar imagens que contam histórias cotidianas, porém profundas, recheadas de afeto, muito diversas das imagens que permeiam nossas redes sociais.

É com esse mesmo olhar que Bermúdez produz hoje seu *Diario de imágenes en los días del estado de alarma* de 2020, um diário de imagens que apresenta seu dia a dia durante a pandemia. Esse trabalho é quase uma continuação direta de seu livro, como se estivéssemos vendo os próximos capítulos de uma mesma série. No diário de imagens, Bermúdez retoma a fotografia de si, porém não como *selfie*, pois fica claro que não é o impulso narcísico corrente que o move, mas um gesto de autoria, de construção de si.

Os trabalhos de Bermúdez são sempre uma rejeição dos estereótipos coloniais, porém ele constrói sua resistência a partir de seu próprio olhar, de suas lágrimas, seus afetos, sua vida. Assim como afirma Grada Kilomba<sup>3</sup>, ser autor é ser a autoridade de sua própria história, e Bermúdez nos mostra como essa autoria acontece a todo instante, em cada escolha, cada gesto, cada olhar.

Agora, pare por um momento para refletir: como se formou a sua identidade pessoal? Além de sua família e de seus amigos, quais personagens, atores, músicos, artistas e atletas foram importantes durante o seu crescimento? Pense nos filmes, nas cenas que te marcaram, nos cliques, nos livros e nos programas de televisão que você gostou durante sua infância e adolescência. Quantas pessoas negras há nesse repertório? Como uma pessoa negra se forma dentro de uma sociedade hegemonicamente branca? E como uma pessoa branca se forma dentro dessa mesma sociedade? O que significa, então, crescer em uma sociedade que não lhe representa, que não lhe enxerga ou que não representa e enxerga o outro?

<sup>1</sup> FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. <sup>2</sup> *Ibidem*. <sup>3</sup> KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. São Paulo: Cobogó, 2019.

PORTFÓLIO:  
**RUBÉN H. BERMÚDEZ**



**Diario de imágenes en los días del estado de alarma, 2020**  
*Fotografía*

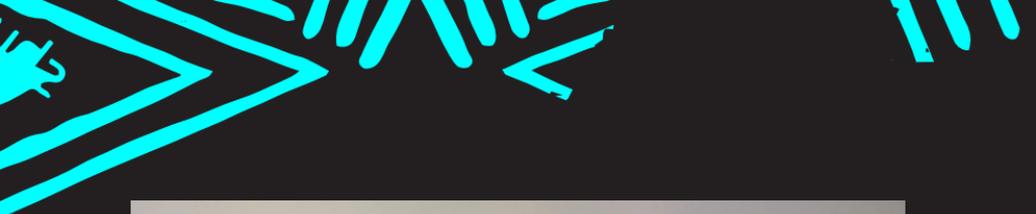
1 metro

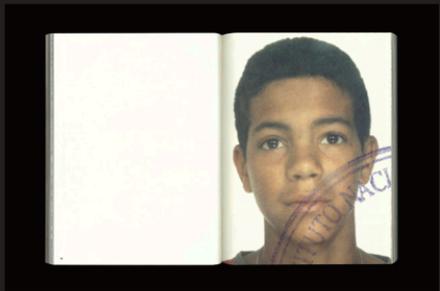
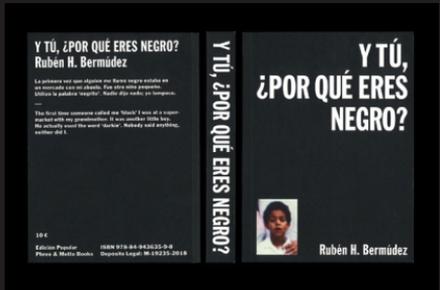
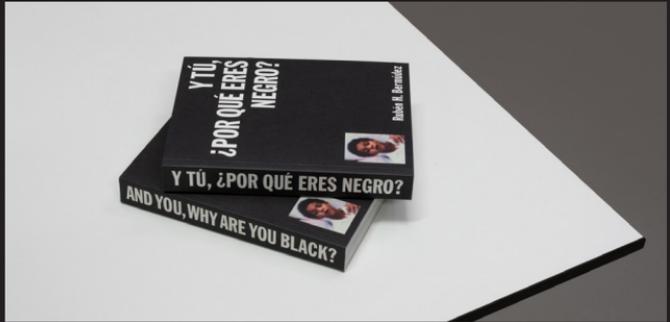
la separación  
en el día a día.

Tu seguridad  
es nuestro  
compromiso

Por favor  
mantén la distancia  
de seguridad







# **PRODUÇÕES NO DISTANCIAMENTO**

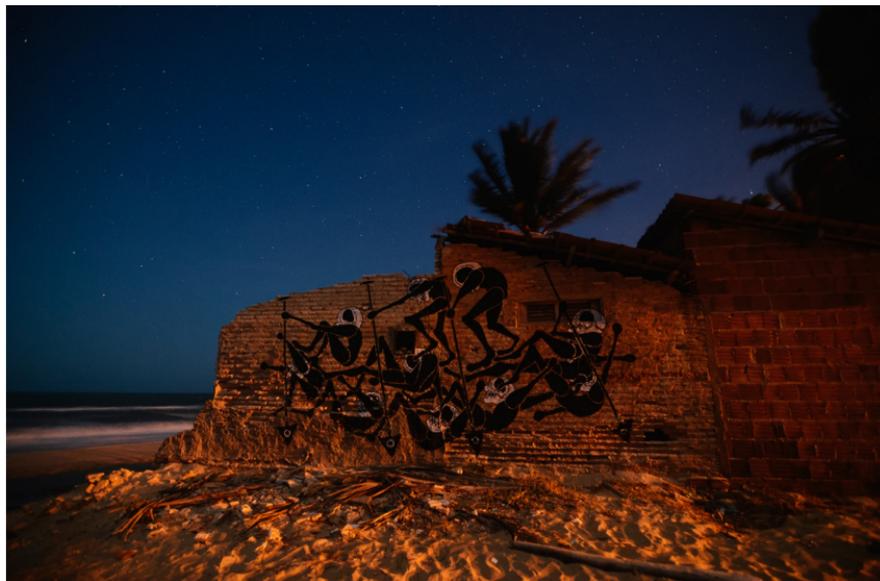
Criar em tempos de distanciamento social é também uma forma de existir e resistir.

Nas próximas páginas, apresentamos alguns artistas e suas produções durante o isolamento, além de três projetos que aconteceram no campo das artes e da educação de forma virtual neste período.



# Arthur Doomer

@arthurdoomer



**Sem título, da série ESCURO, 2016**

*Grafitte*

*Fotografia: Mário Sabino / Shotup Imagens*

Quando cheguei na Prainha do Canto Verde, no Ceará, para pintar um mural a convite do festival Além da Rua (2016), me senti suspenso em tempo-espaço à borda do oceano atlântico com horizonte à frente, para ÁFRICA. No estilo freestyle, pintei esta ruína de CASA, em compasso com a efemeridade de todas aquelas vidas em suas relações com o mar.

**Bruna Kury**

@bruna\_kury



**MATE O BRANCO DENTRO DE VOCÊ, 2020**

*Imagem digital*

*1256 x 1256 cm*

Em 2019, eu fiz a faixa/bandeira *MATE O BRANCO DENTRO DE VOCÊ*, frase do ex-pantera negra e anarquista Lorenzo Kom'Boa que foi performada e hasteada no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), por Charlene Bicalho e Jéssica Porciuncula, durante a residência MOTORHOME[PPPP]. Em 2020, desenvolvi o texto *desejo que sobrevivamos pois já sobrevivemos* em parceria com Walla Capelobo e uma nova performance em torno da frase. A frase compõe a videoperformance e o texto, e também se transforma em GIF.

# Dego

@degografit



**Casa do meu irmão, 2020**

**Grafitte**

A importância da convivência social e ambiental, como estamos vivendo e para onde estamos voltando nossos olhares, nossas energias, como estamos mantendo nossos laços familiares.

# Jardélio Santos Alves

@jardelio



## **Saco Vazio Não Pára Em Pé. Série: Vidas - Narrativas Negras em Trânsito, 2020**

Óleo sobre tela

80 x 120 cm

As históricas crises socioeconômicas do Brasil levam as mesmas populações, as dissidentes de raça e gênero, a seguirem rumo à negação do bem-viver. A obra revela as memórias de infância do artista, período em que a inflação esvaziava as dispensas. Durante a pandemia, as barrigas voltaram a ficar vazias e nas periferias as cestas básicas são divididas entre as famílias nas comunidades. Mesmo assim, seguem-se os caminhos e as travessias negras, vidas cotidianamente na mão de quem criará o futuro. Mas qual futuro?

# May Agontinme

@fiademaepreta



## **Ogunyé, da série *Restauros Pretos*, 2020**

*Intervenção de crochê sobre impressão em eucatex*

64 x 48 cm

Em *Restauros Pretos*, utilizando a técnica do crochê, May Agontinme busca devolver o tom da pele de personagens religiosas e religiosos que foram embranquecidas e embranquecidos. Além de fazer uma crítica ao sincretismo que durante muito tempo operou na manutenção do racismo religioso.

## Naná Prudêncio

@marianaprudencioo



### **Raimunda Boaventura e Ermelino Boaventura - cena do documentário *Pandemia do Sistema*, 2020**

Foto: Naná Prudêncio

Teaser disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IFfw66VUDCk>

Com direção de Naná Prudêncio e realização da Zalika Produções, o filme aborda fatores como o racismo, o desemprego, a insuficiência no atendimento de saúde e como todos esses elementos, juntos, resultam em uma fórmula genocida. Epicentro da crise sanitária no Brasil, o distanciamento social foi decretado na cidade de São Paulo em março de 2020. *Pandemia do Sistema - O retrato da desigualdade na cidade mais rica do Brasil* documentou a mobilização de moradores e moradoras para ajudar vizinhos e vizinhas durante o período de quarentena em regiões como Sapopemba, Heliópolis, Brasilândia, Capão Redondo, Cidade Ademar, Pedreira e o município de Taboão da Serra. Na capital mais rica do país, os índices de mortes por COVID-19 se mostraram até 10 vezes maiores nas periferias e nos bairros com maioria negra. O filme constata que o vírus não foi a única causa das mortes e que a desigualdade é a epidemia mais antiga, grave e crônica na história brasileira. Em primeira pessoa, *Pandemia do Sistema* denuncia as ausências do estado e confirma que nos lugares mais pretos e pobres "Nóis só tem noís".

## **Paola Ribeiro**

@paola\_ribeiros



### **B O C A , 2020**

Videoperformance. 5min 54s

Video disponível em: <https://vimeo.com/425956807>

*B O C A* é um jeito de dizer o que já não tem palavra, e nem precisa, através da polifonia sonora e de luzes que flutuam hora boca, minuto mancha, segundo nada.

## **MARQUE\$, Robson**

@\_robsonmarques



### **Fogo de Vaqueiro, 2020**

*Detalhes sobre papel Paraná*

*29,6 x 41,8 cm*

*Em parceria com Alex Gurgel e Bernini*

O projeto detalhes sobre pardos papéis surgiu como um estudo, mas tomou outras dimensões na forma como o artista retrata o que interpreta de toda a realidade, sejam questões do cotidiano, das belezas e peculiaridades vistas em cada uma das situações. É uma espécie de união de locais e pessoas que permeiam e fizeram parte de seu crescimento como pessoa. Suas referências transcendem uma visão simplória sobre esses contextos.

# COVID ART MUSEUM

@covidartmuseum

O Covid Art Museum nasceu durante a pandemia de COVID-19 e é o primeiro museu digital a exibir as obras produzidas durante a crise mundial. Foi criado na Espanha por Irene Llorca, José Guerrero e Emma Calvo.

Este projeto independente é um espaço onde estilos artísticos variados e diferentes pontos de vista são bem-vindos. Estamos empenhados em compartilhar a arte que surgiu do Coronavírus e em dar visibilidade aos artistas cujo trabalho nos inspirou.

As obras vêm de todo o mundo e qualquer pessoa pode participar enviando-nos as suas obras. Esperamos que as pessoas encontrem no museu um lugar de inspiração, um lugar para se conectar com qualquer um dos milhares de testemunhos, reflexões e sentimentos relacionados ao Coronavírus. Acreditamos que é uma forma de se sentir um pouco menos sozinho, pois dá para perceber que também existem pessoas em qualquer parte do mundo que estão passando por uma situação como a sua.

Esperamos que todos se juntem a nós nesta jornada por este momento importante para a arte, criatividade e consideração.



THE  
COVID  
ART  
MUSEUM

# PROJETO AFRO

@projeto.afro

Projeto Afro é uma plataforma afro-brasileira de mapeamento e difusão de artistas negros/as/es. O projeto deseja ampliar e visibilizar a produção artística de autoria negra no Brasil, apresentando sua multiplicidade, seus inter-relacionamentos e sua abrangência. Um espaço de descoberta e ressignificação.

Fruto de uma pesquisa que compreende mais de três anos – e que segue em curso –, o conteúdo reunido na plataforma convida cada visitante a navegar por diferentes aspectos dessa produção: mapa interativo, perfis de artistas, artigos colaborativos e entrevistas, escritos acadêmicos, sugestões de eventos. Toda uma pesquisa sistematizada em um local dedicado à expressão.

PROJETO  
AFRO  
.COM

# PROGRAMA EDUCATIVO DA 12ª BIENAL DO MERCOSUL

@bienalmercosul

O programa educativo da Bienal 12 foi desenhado como o espaço de contínua desconstrução das certezas estabelecidas na instituição, na mostra e na arte contemporânea. O ponto de partida da curadoria educativa foi a personagem Kehinde, protagonista do romance *Um Defeito de Cor* (2008), de Ana Maria Gonçalves. A mulher negra que negocia com a liberdade e a escravização, no Brasil do século XIX, foi o conceito que reuniu as vozes de mulheres artistas negras, trans e latino-americanas, curadoras e educadoras. Os encontros públicos antecederam a Bienal e se estenderam pela constituição de instâncias como uma câmara de professores, o dissenso como eixo do programa de formação de mediadores, o debate sobre as mulheres na arte, racialização, vida democrática e as assimetrias no Brasil contemporâneo. A pandemia e suas interdições posicionaram o educativo como responsável por ativar a exposição on-line em suas dimensões conceituais onde a conversa, a coletividade e a insistência de estar juntos, apesar de tudo, foram o sul das práticas que se desenvolveram em laboratórios de criação coletiva entre artistas e educadoras, programa de lives, elaboração de proposições didáticas e a Rede Bienal 12 de Arte e Docência envolvendo professores do Brasil e América Latina.



**B**BIENAL12

# PARTICIPANTES

## Arthur Doomer



Artista visual nascido em Teresina (PI). Começou sua caminhada nas artes visuais e expandiu para um tipo de criação mais indisciplinada, entre produção e pesquisa compartilhada. O preto, enquanto cor, é a principal força que move sua criação e o instiga a pensar em muitas questões existenciais.

Foto: Arquivo pessoal

## **Bruna Kury**



Anarc transfeminista, performer, artista visual e sonora. Focada em criações atravessadas por questões de gênero, classe e raça (contra o cis-tema patriarcal heteronormativo compulsório vigente e a opressões estruturais-GUERRA de classes). Participou da residência Capacete no Rio de Janeiro, Comunitária na Argentina, Festival Anormal no México, compôs a organização da residência pós-pornôpyrata em Fortaleza, performou no festival Libres y Soberanas em Quito, Equador. Recentemente esteve na residência do Pivô Pesquisa Ciclo II (2020).

Foto: Rafael Marques





## **Bruno Coltro Ferrari**



Educador, pesquisador de artes, educação, ciências e desenhista. Bacharel em publicidade e licenciado em artes visuais, trabalhou na produção de filmes de animação e produz ilustrações. Como arte educador, teve passagem por diversas instituições culturais e museus, como o MAM-SP, a Fundação Bienal de São Paulo e a Casa de Vidro. Atualmente é educador no Instituto Tomie Ohtake e professor de Artes para o Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio.

Foto: Arquivo pessoal

## Deگو



Estudante de artes visuais nascido em Teresópolis (RJ). A arte teve influência da família: o pai argentino, desenhista e amante da cultura rock que reside no Brasil desde a década de 70, e sua mãe, mulher negra, sempre envolvida com a cultura popular. Em 2011, teve seu primeiro contato com graffiti através do irmão mais velho que já desenhava e fazia "Xarpi" (pichação carioca). Sua pesquisa artística lida com questões do corpo negro e realidade social de forma lúdica na qual tem a liberdade de ser irônico, agressivo e sutil. Utiliza-se da figura zoomórfica em seus personagens, intitulados Selvagens, que trazem características dos jovens de periferias como símbolo de autoidentificação. Utiliza da cultura popular como uma fonte de diálogo e de inspiração.

Foto: Arquivo pessoal

## **Deri Andrade**



É jornalista e especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo (CELACC-USP). Realiza pesquisas sobre arte afro-brasileira. Criou o Projeto Afro, plataforma de mapeamento de artistas negros/as/es.

Foto: Arquivo pessoal

## Igor Moraes Simões



Doutor em Artes Visuais, História, Teoria e Crítica da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor assistente na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Curador educativo da 12ª Bienal do Mercosul. Trabalha com as articulações entre exposição, montagem fílmica, histórias da arte e racialização na arte brasileira e visibilidade de sujeitos negros nas artes visuais. Autor da tese *Montagem Fílmica e Exposição: Vozes Negras no Cubo Branco da Arte Brasileira*. Membro do grupo de pesquisa Flume Educação e Artes Visuais.

Foto: João Lima

## Jardélio Santos Alves



Artista visual, educador e ativista social que busca possibilitar o acesso às artes visuais por meio de vivências e práticas artísticas, com desejo de ampliar a visão de mundo de crianças, jovens e adultos. Natural de Taiobeiras (MG), teve como referência sua avó. Na adolescência, migrou para São Paulo, residindo na Brasilândia. Na cidade, vivenciou trocas artísticas passando principalmente pela pintura em tela, mas também pelo graffiti e pela arte educação.

Foto: Arquivo pessoal

## Jordana Braz



Educadora, fotógrafa e pesquisadora. Pós-graduada em Gestão de Projetos Culturais pelo CELACC-USP e graduada em Letras pela Unifesp. Integrou o projeto VISURB da Unifesp e recebeu menção honrosa no concurso fotográfico no Festival de Avança em Portugal, realizado com o suporte da UNESCO (2012). Atua em educativos desde 2014 e desde 2017 é educadora-pesquisadora do Instituto Tomie Ohtake. Em 2018 iniciou uma pesquisa em relações étnico-raciais na educação e práticas de mediação em arte.

Foto: Thais Craveiro



## Keila Serruya Sankofa



Amazonense que evoca a arte e os conhecimentos ancestrais para se manter viva e resistente. Mãe, artista visual, realizadora audiovisual, fotógrafa e produtora cultural. Analisa constantemente os prováveis diálogos a serem praticados e desenvolvidos com a cidade e quais são as urgências. Compreendendo que os diálogos tecnológicos, periféricos, audiovisuais e de ocupação trazem uma proposta que modifica o existir de todos que se deparam e consomem essas narrativas para a RUA. Mulher negra em movimento cultivando a mudança do mundo e fazendo política todas as vezes que cria, produz, performa, filma, fotografa, instala, intervém e ocupa.

Foto: David Martins

## **Luara Carvalho**



Educadora, historiadora e pesquisadora em educação libertária. Desde 2009 atua em diversas instituições culturais da cidade de São Paulo na área de mediação cultural, desenvolvendo ações educativas e de mediação. Além disso, e por acreditar na educação como elemento fundamental de transformação da sociedade, desde 2015 atua como professora de história no Cursinho Livre da Lapa, projeto autogestionário de educação popular e libertária voltado para estudantes de escolas públicas. Desde 2018 atua também como educadora no Instituto Tomie Ohtake.

Foto: Júnior Ahzura

## May Agontinme



Graduanda em História da Arte pela Unifesp. Nascida em Campinas (SP), tem como foco de sua pesquisa acadêmica os monumentos em homenagem à Mãe Preta existentes no Brasil, temática que também permeia suas produções artísticas. Em suas produções, tem como base a utilização do crochê, enquanto trabalho ancestral e manual, e o resgate de atos e momentos de afetividade nas relações africanas em diáspora (principalmente entre mães e filhas em diáspora) que foram tomados e mercantilizados durante a escravidão, tendo reflexos ainda hoje. Atualmente a artista está desenvolvendo duas séries: *Restauros Pretos* e *Mamãe&Eu&Mamãe*.

Foto: Arquivo pessoal

## Naná Prudêncio



Produtora audiovisual, editora de vídeos, fotógrafa e fundadora da Zalika Produções. Dirigiu os filmes *Quem te penteia?* (2018) e o documentário *Pandemia do Sistema* (2020), assina também a direção de projetos audiovisuais artísticos e institucionais. Busca aproximar a produção audiovisual para a periferia, produzida pela própria periferia, e visibilidades que incluam a mulher negra e periférica como protagonista de suas próprias narrativas.

Foto: Tayguara Almeida



## Nú Barreto



Artista multidisciplinar. Utiliza o desenho, objetos encontrados e colagem. Busca despertar o espectador por meio de suas pinturas, desenhos, fotografias e vídeos. Nascido em São Domingos, Guiné-Bissau, reside desde 1989 em Paris, França. É representado em distintas coleções privadas, entre as quais a coleção do Museu Nacional Smithsonian de História e Cultura Afro-Americana (EUA) e Museu Capixaba do Negro (MUCANE, Vitória-ES), e muitas coleções particulares em diversos países.

Foto: Isabelle Balestrieri Duku

## Paola Ribeiro



Artista e educadora, mestranda na linha de pesquisa de processos e procedimentos artísticos do Instituto de Artes da Unesp e bacharela em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes. Pesquisa a ação do corpo no espaço através do entrelaçamento de linguagens como performance, música e vídeo, entre outras.

Foto: Arquivo pessoal



## Pedro Costa



Educador e pesquisador, mestrando em filosofia da arte pela Universidade de São Paulo com pesquisa em arte e representação identitária no Brasil. Atuou como arte educador na 29ª, 30ª e 31ª edições da Bienal de São Paulo, além da edição especial Em Nome dos Artistas (2011), e atua no Instituto Tomie Ohtake desde 2015, onde coordena e produz o podcast Amplitudes. Atua como professor de filosofia no cursinho popular Laudelina de Campos Melo, na região do Ipiranga, desde 2017.

Foto: Arquivo pessoal

## **MARQUE\$, Robson**



Feirense, reside em São Paulo há 15 anos. Designer, camelô e amante de fotos saturadas.

Foto: Arquivo pessoal

## **Rubén H. Bermúdez**



Fotógrafo e docente. Autor do livro *Y tu, ¿por qué eres negro?*, cofundador do Colectivo Afroconciencia e colaborador da revista *Clavoardiendo Magazine*. Desenvolve trabalhos pontuais como curador de arte.

Foto: Megane Mercury





# FICHA TÉCNICA

## INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Presidente

**Ricardo Ohtake**

Núcleo de Pesquisa e Curadoria

**Paulo Miyada** *coordenador*

**Priscyla Gomes**

Produção

**Vitoria Arruda** *diretora*

**André Luiz Bella**

**Carolina Pasinato**

**Karina Mignoni**

**Ligia Pedra**

**Lucas Fabrizzio**

**Rodolfo Borbel Pitarello**

Administração e Finanças

**Roberto Souza Leão Veiga** *diretor executivo*

**Bruno Damaceno**

**Carlito Oliveira Junior**

**Fabiana Cristina de Almeida**

**Yago Raphael Damaceno de Morais**

**Willian dos Santos**

Negócios

**Ivan Lourenço** *diretor*

**Flávio Alves**

**Kelly Lima**

Assessoria de Imprensa /

Pool de Comunicação

**Marcy Junqueira**

**Martim Pelisson**

**Flávio Silva**

Comunicação

**Vaneska Rezende**

**Ricardo Miyada** *audiovisual*

Núcleo de Cultura e Participação

**Felipe Arruda** *diretor*

**Agata Takiya**

**Amanda Porto**

**Bruno Ferrari**

**Claudio Rubino**

**Fernanda Beraldi**

**Isadora Mellado**

**Jane Santos**

**Jordana Braz**

**Luaca Carvalho**

**Maiara Paiva**

**Melina Martinho**

**Natália Vinhal**

**Pedro Costa**

**Thiago Zati**

**Victor Constantino**

Informática

**André Biacca**

Documentação e Compras

**Marcos Massayuki Sutani**

**Felipe Alves Ferreira dos Santos**

Projetos

**Beatriz Lina**

Secretaria

**Maria de Fátima da Silva Rocha**

**Nazareth Baños**

Coordenação Operacional

**Alexandre Lopes Pereira**

**Wagner Antônio Barbosa** *supervisor*

Apoio

**Cícera Medeiros**  
**Daniel Soares**  
**Edmilson Pereira**  
**Edson José**  
**Elcio Borges**  
**Everton Alves**  
**Fábio Araújo**  
**Gilmar Batista**  
**Marcelo Mariano**  
**Marina Neves**  
**Orlando Rodrigues**  
**Raiana Ramos**  
**Silvia Regina**  
**Wellington Araújo**

Técnica

**Adilson Oliveira**  
**Jacildo de Paula**  
**Pedro Mario**  
**Silvio Santos Lima**

Auxiliar de serviços gerais

**Camila Gonçalves**  
**Carolina Neres**  
**Elizandro Ferreira**  
**Elza Santos**  
**Luciene Monteiro**  
**Valdir Ramos**

## **PUBLICAÇÃO**

Design Gráfico

**Karina Mignoni**

Textos

**Bruno Coltro Ferrari**  
**Felipe Arruda**  
**Jordana Braz**  
**Keila Serruya Sankofa**  
**Luara Carvalho**  
**Nú Barreto**

**Pedro G. A. Costa**  
**Rubén H. Bermúdez**

Revisão

**Divina Prado**

## **PROJETO**

O projeto Experiências Negras é realizado pelo Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake, com a coordenação conjunta de Jordana Braz, Melina Martinho, Luara Carvalho, Isadora Mellado e Felipe Arruda.

Novembro, 2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Experiências negras : produzindo em tempo de  
distanciamento / organização Instituto Tomie  
Ohtake, Núcleo de Cultura e Participação. --  
São Paulo : Instituto Tomie Ohtake, 2020. --  
(Experiências negras ; 4)

ISBN 978-65-990404-7-4

1. Artes 2. Artistas 3. Artistas negros  
4. Desigualdade social 5. Diversidade cultural  
6. Educação 7. Museus - Curadores 8. Museus -  
Curadoria 9. Mulheres negras I. Ohtake, Instituto  
Tomie. II. Núcleo de Cultura e Participação.  
III. Série.

20-49339

CDD-707

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Curadoras femininas : Artes 707  
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427